

O dia em que a matemática saiu do quadro

Aldivania Alves Salvador Wernz

Águia Branca, Espírito Santo, Brasil

dil.salvador@hotmail.com

Doutoranda em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária, Mestra em Educação

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro -- UFRRJ

0009-0001-4193-5326

Há dias em que a memória chega devagarinho, quase como neblina descendo as montanhas de Águia Branca nas primeiras horas da manhã. E foi numa dessas manhãs que eu compreendi que a matemática nunca esteve presa ao quadro da escola. Ela sempre esteve viva. Pulsando. Respirando no meio do mundo. Demorei anos para perceber isso.

Na infância, eu via a matemática nos cadernos organizados, nas contas alinhadas, nos números obedientes. Achava que ela morava apenas ali: entre régua, provas e exercícios repetidos. Mas a vida, generosa como costuma ser com quem aprende a escutar, foi me ensinando outra coisa.

Hoje entendo que a matemática já estava anunciada muito antes de eu aprender seu nome acadêmico. Ela estava nas mãos calejadas do agricultor medindo a terra “no olho”, sabendo exatamente onde a água pisaria mais forte depois da chuva. Estava na escolha do tempo certo do plantio, no cálculo silencioso da lua, na divisão justa do café entre vizinhos, na organização das sementes guardadas em latas antigas.

Lembro-me de ouvir meu avô dizendo que a chuva chegaria antes do fim da tarde apenas observando o vento, o movimento das nuvens e o comportamento dos animais. Naquele tempo, eu enxergava aquilo apenas como experiência de vida. Hoje percebo que havia observação, análise, comparação de padrões, leitura do ambiente e construção de conhecimento acumulado ao longo das gerações.

A matemática também morava na cozinha.



Morava no pão sovado por minha mãe, que nunca precisou de balança para encontrar a medida exata da massa. Suas mãos já conheciam o ponto apenas pelo toque, pela textura e pelo silêncio do preparo. Morava também no fogão à lenha, onde o tempo do alimento era marcado pela cor da brasa e não pelos ponteiros do relógio. Cresci observando aquele conhecimento acontecer naturalmente, sem fórmulas escritas, sem explicações científicas, mas carregado de precisão, experiência e sabedoria.

Lembro-me também do café sendo preparado sem receita escrita, sem colher medidora, sem medidas padronizadas. Durante muitos anos, vi minha mãe medir o pó com um simples garfo. Ainda assim, o sabor nunca falhava. Havia ali uma matemática silenciosa, construída pela repetição, pela experiência e pela sensibilidade do cotidiano. Hoje percebo que aqueles gestos simples guardavam conhecimentos profundos, transmitidos pela vivência, pela memória e pela prática diária.

Na agricultura familiar, aprendi cedo que ninguém chamava de matemática aquilo que faziam todos os dias. Mas ela estava presente no cálculo das sementes, no espaçamento das mudas, na previsão da colheita, no controle das perdas, na divisão da produção e na organização do sustento da família.

E, sem que eu percebesse, ela morava dentro de mim.

Quando comecei minha caminhada na educação, fui ensinada a fragmentar o conhecimento: matemática de um lado, cultura de outro, ciência distante da emoção, escola afastada da vida. Mas os caminhos da Etnomatemática me atravessaram como quem abre uma janela numa casa antiga.

Lembro-me do impacto que senti ao perceber, dentro da sala de aula, o distanciamento entre a matemática dos livros e a matemática vivida pelos estudantes do interior. Muitos deles sabiam resolver problemas da vida cotidiana com incrível habilidade, mas se sentiam incapazes diante da matemática escolar. Foi ali que algo começou a mudar dentro de mim.



Compreendi que os saberes cotidianos também eram conhecimento legítimo. Que havia ciência na experiência do povo. Que existia inteligência nas práticas simples. Que o mundo podia ser lido para além das fórmulas.

Foi como se alguém acendesse uma luz numa estrada que eu já percorria há anos sem perceber. A transdisciplinaridade me encontrou exatamente aí: nesse lugar onde as fronteiras começam a desaparecer. Porque, no fundo, nunca consegui separar completamente quem pesquisa de quem sente. Nem quem ensina de quem aprende. Nem a matemática da vida.

Minha trajetória acadêmica passou a dialogar com agricultores familiares, com memórias do campo, com práticas culturais, com histórias carregadas de humanidade. E foi nesse encontro que compreendi que conhecimento não nasce apenas da universidade. Ele também nasce da vivência, da necessidade, da tradição, da resistência e da memória coletiva.

A Etnomatemática me ensinou a desacelerar o olhar.

A perceber que há teorias escondidas em conversas de varanda. Que existe geometria nos terreiros organizados pelas famílias do interior. Que há estatística silenciosa nas colheitas observadas geração após geração. Que existe filosofia na forma como o povo compartilha o pouco que tem.

E talvez seja justamente isso que mais me emociona nessa caminhada: compreender que educar também é reconhecer dignidades.

Hoje, quando entro numa sala de aula ou escrevo uma pesquisa, já não consigo enxergar o conhecimento como algo isolado, fechado ou hierárquico. A vida me ensinou que os saberes se misturam como rios que se encontram.

A matemática saiu do quadro.

E quando saiu, veio carregando cheiro de terra molhada, fumaça de fogão à lenha, vozes do interior e histórias de gente simples que sempre soube calcular a vida sem nunca precisar chamar isso de teoria.



Talvez tenha sido esse o verdadeiro anúncio da Etnomatemática em mim:
o dia em que compreendi que o conhecimento também tem rosto, memória, afeto e
pertencimento.

E que aprender pode ser, antes de tudo, um ato profundamente humano.



O dia em que a matemática saiu do quadro

The Day Mathematics Stepped Out of the Classroom

El día en que las matemáticas salieron del aula

Resumo

A presente crônica apresenta reflexões construídas a partir de experiências vividas no interior do Espírito Santo, especialmente em contextos relacionados à agricultura familiar, à educação e aos saberes cotidianos. O texto busca evidenciar como a perspectiva transdisciplinar da Etnomatemática foi sendo anunciada ao longo da trajetória acadêmica e humana da autora, inicialmente de forma intuitiva, nas práticas culturais e sociais do cotidiano, e posteriormente compreendida no campo da pesquisa e da educação. A narrativa atravessa memórias ligadas ao modo de vida rural, aos conhecimentos produzidos por agricultores familiares, às práticas domésticas e às experiências docentes, revelando que a matemática se manifesta para além dos espaços formais de ensino, integrando cultura, trabalho, memória, natureza, sensibilidade e relações humanas. A crônica fundamenta-se na valorização dos saberes populares e na compreensão da Etnomatemática como possibilidade de diálogo entre diferentes formas de produção do conhecimento, destacando a transdisciplinaridade como caminho de aproximação entre ciência, vida e humanidade.

Palavras-chave: Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Saberes populares. Agricultura familiar. Educação do campo.

Abstract

This chronicle presents reflections built upon experiences lived in the countryside of Espírito Santo, especially in contexts related to family farming, education, and everyday knowledge. The text seeks to highlight how the transdisciplinary perspective of Ethnomathematics was gradually revealed throughout the author's academic and human journey, initially in an intuitive way through cultural and social practices of daily life, and later understood within the fields of research and education. The narrative moves through memories connected to rural ways of life, knowledge produced by family farmers, domestic practices, and teaching experiences, revealing that mathematics manifests itself beyond formal educational spaces, integrating culture, work, memory, nature, sensitivity, and human relationships. The chronicle is grounded in the appreciation of popular knowledge and in the understanding of Ethnomathematics as a possibility for dialogue among different forms of knowledge production, highlighting transdisciplinarity as a path toward rapprochement between science, life, and humanity.

Keywords: Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Popular knowledge. Family farming. Rural education.

Resumen

La presente crónica presenta reflexiones construidas a partir de experiencias vividas en el interior del estado de Espírito Santo, especialmente en contextos relacionados con la agricultura familiar, la educación y los saberes cotidianos. El texto busca evidenciar cómo la perspectiva transdisciplinaria

e-Alm. EMT-BR, Salvador-BA, Brasil, v. 2026, n. 1, e110026, 2026.

DOI: <https://doi.org/10.64193/eAlmEMT-BR.2026-e110026>



de la Etnomatemática fue anunciándose a lo largo de la trayectoria académica y humana de la autora, inicialmente de manera intuitiva, en las prácticas culturales y sociales de la vida cotidiana, y posteriormente comprendida en el ámbito de la investigación y la educación. La narrativa atraviesa memorias vinculadas al modo de vida rural, a los conocimientos producidos por agricultores familiares, a las prácticas domésticas y a las experiencias docentes, revelando que la matemática se manifiesta más allá de los espacios formales de enseñanza, integrando cultura, trabajo, memoria, naturaleza, sensibilidad y relaciones humanas. La crónica se fundamenta en la valorización de los saberes populares y en la comprensión de la Etnomatemática como posibilidad de diálogo entre diferentes formas de producción del conocimiento, destacando la transdisciplinariedad como un camino de aproximación entre ciencia, vida y humanidad.

Palabras clave: Etnomatemática. Transdisciplinariedad. Saberes populares. Agricultura familiar. Educación rural.

